

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espirita)

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC

Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares
NITERÓI/RJ = ANO III = Nº 32 = FEVEREIRO DE 2006

ASSIM TERIA FALADO ALLAN KARDEC

(Ao escrever sua autobiografia)

“Nasci no dia três de outubro de 1804, na cidade de Lyon, França, em uma família católica da classe média, tendo sido registrado no Cartório como Denizard Hippolyte Léon Rivail. No dia 15 de junho de 1805, meus pais, Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Louise Duhamel, me levaram à Igreja de La Croix Rousse, onde fui batizado, e, ao fazerem o registro do meu nascimento no Livro de Registros da Paróquia, mudaram meu nome para Hippolyte Léon Denizard Rivail.

“Passei meus primeiros anos de vida em Lyon, no concheço do lar, aos cuidados de minha querida genitora, sempre muito carinhosa, e de meu pai, que era homem de leis, de quem recebi sempre belas lições de direito, de justiça e de honestidade, pois ele era bastante íntegro em suas atitudes de cidadão e honrado servidor da Pátria.

“Em 1810, portanto, com seis anos de idade apenas, meus pais me levaram para Yverdon, na Suíça, onde fui internado no célebre Instituto Pestalozzi. É que, em Lyon, eu corria perigo de vida, devido à ação política decorrente das guerras napoleônicas. Já na Suíça, não, e depois havia ali um educandário famoso onde Jean Henri Pestalozzi, impregnado das lições adquiridas no livro “Emile” ou a “Educação”, de autoria de Jean Jacques Rousseau, passou a dedicar-se com entusiasmo à educação das crianças e adolescentes. Meus pais, portanto, estavam certos ao tomarem a decisão que tomaram, internando-me naquele Instituto, para onde eram levados também os filhos das melhores famílias da França e de outros países. E depois, para mim, apesar da saudade do lar paterno, minha permanência ali por muitos anos foi boa, pois aprendi o justo sentido da educação, que deve ser ao mesmo tempo paternal e liberal.

“Foi ali, naquele célebre educandário suíço, que recebi a instrução primária e secundária, e onde fiz o curso normal ou especial, que me preparou para ser professor. Aliás, foi como substituto, no Instituto Pestalozzi, que comecei a minha vida de professor.

“Deixei o Instituto em 1824 e passei a me dedicar ao ensino primário e a escrever e traduzir livros didáticos. Publiquei vários livros, sempre bem aceitos pelos críticos, sendo que muitos foram adotados nas escolas francesas. Um deles, lançado em 1831, foi premiado num curso promovido pela Real Academia de Arrás. E isto me deu oportunidade de ser admitido como professor do Liceu Politécnico de Paris. Fui também, por pouco tempo, diretor e professor do Instituto Rivail, que eu havia fundado com a ajuda financeira de um parente.

“Foi também em 1831 que vim a conhecer a professora de letras e belas-artes, Amélie Gabrielle Boudet. Uma simpatia mútua logo tomou conta dos nossos corações, levando-me a pedi-la em casamento. De modo que no ano seguinte, precisamente, no dia 9 de fevereiro de 1832, nos unimos pelo matrimônio e passamos a residir na Rua de Sèvres, nº 35. Tivemos uma bela vida conjugal. Ela, como esposa fiel e dedicada, se mostrou sempre uma grande companheira, amiga, sincera, colaboradora, tendo me ajudado muito em minhas atividades de professor, de tradutor e de escritor.

“Além de me dedicar ao magistério, eu exerci também outras atividades, ou seja, fui magnetizador e maçom.

“Foi muito moço ainda que tomei conhecimento da obra de Franz Anton Mesmer, que disse e provou, cientificamente, que todo ser vivo era dotado de um fluido magnético capaz de se transmitir a outros indivíduos, estabelecendo-se influências psicossomáticas recíprocas. Passei a frequentar então a Sociedade de Magnetismo de Paris, vindo a tornar-me um magnetizador. Pude assim realizar muitas experiências.

“Devido à minha admiração pela Maçonaria, vim a conhecer muitos dos seus filiados. Eu próprio fui admitido como neófito, passando depois a companheiro, em uma Loja Maçônica da França. Adotei então todos os princípios nobres e elevados, pregados pelos irmãos maçônicos.

“Foi em 1854 que vim a tomar conhecimento dos fenômenos das mesas girantes e falantes, que aconteciam em casas de pessoas que praticavam o magnetismo mesmeriano. Um deles foi o Sr. Fortier que era também um magnetizador e que, por duas vezes me deu notícias daqueles insólitos fenômenos. Mas, apesar do entusiasmo com que se expressava, não consegui convencer-me, como também não me convenceu depois o Sr. Carlotti, com quem me encontrei em princípios de 1855.

Um dia fui à casa da Sra. Roger, sonâmbula, com quem o Sr. Fortier fazia experiências de magnetismo. Lá, fui apresentado ao Sr. Pâtier, que, ao se referir àqueles fenômenos, conseguiu, pela maneira de falar, despertar em mim uma certa curiosidade. Aceitei então o convite que me fez de ir à casa da Sra. Plainemaison, onde pude assistir a algumas experiências que me deixaram plenamente convencido da realidade daqueles fenômenos, que eram causados pela ação invisível de seres que se apresentaram como Espíritos. Tornei-me então assíduo frequentador das reuniões que se realizavam ali, e, por isso, tive oportunidade de conhecer outras pessoas e receber novos convites. Conheci o Sr. Baudin e suas duas

Filhas, Caroline e Julie, bem como o Sr. Roustan e a Sra. Japhet, em cuja residência, a Srta. Ruth Celine Japhet se submetia a experiências de sonambulismo.

“Foi numa sessão realizada em casa do Sr. Roustan, em 30 de abril de 1856, que, pela primeira vez, me foi revelada a missão que me cabia desempenhar: Eu seria ‘o obreiro, que reconstrói o que foi demolido’, em outras palavras: um Reformador Social. Quem disse isto foi um Espírito que se identificou com o nome de Zéfiro. E o que ele disse foi confirmado, posteriormente, por outros Espíritos: Hahnemann e o Espírito de Verdade. Este último, inclusive, em sessão realizada no dia 25 de março de 1856, em casa do Sr. Baudin, manifestou-se um dia, dizendo ser meu Espírito Familiar, prometendo-me voltar uma vez por mês pelo menos.

“Dotado, desde pequeno, de uma grande vocação para estudos científicos, passei a levar para as sessões que freqüentava uma série de perguntas, para serem respondidas pelos Espíritos que se manifestassem. E assim, com o passar do tempo, consegui um acervo enorme de dados que eram lidos, examinados e corrigidos pelos Amigos Invisíveis, que me assistiam e se manifestavam através de vários médiuns, ou seja, mais de dez.

“Havia já material suficiente para publicar um livro. E foi o que resolvi fazer, depois de receber a devida autorização do meu Guia e Mentor Espiritual: o Espírito de Verdade. Foi assim que, no dia 18 de abril de 1857, foi lançado ao público “O Livro dos Espíritos”, que assinei como Allan Kardec, pseudônimo que passei a usar, depois que vim a saber pelo Espírito Zéfiro, que, na Gália antiga, eu tinha sido um sacerdote dos Druidas e me identificava com esse nome.

“Em 1858 fundei, com um grupo de amigos, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, da qual fui presidente por muito tempo e lancei o primeiro número da “REVISTA ESPÍRITA” ou “Jornal de Estudos Psicológicos”.

“Em 1859 publiquei “O Que é o Espiritismo”, em que disse tratar-se de uma ciência e uma doutrina filosófica de conseqüências morais. Em 1861 publiquei “O Livro dos Médiuns” ou “Guia dos Médiuns e Evocadores”; em 1864, foi lançado “O Evangelho s/o Espiritismo”; em 1865, “O Céu e o Inferno”; e, em 1868, “A Gênese”, meu último livro.

“Foi em 9 de outubro de 1861 que se realizou o célebre Auto de Fé de Barcelona, Espanha, em que, por ordem do Bispo e da Inquisição, meus livros foram queimados em praça pública, o que gerou muitos protestos e redundou em favor do Espiritismo.

“Iniciei também nesse ano de 1861 minhas viagens de propaganda da Doutrina Espírita, sempre muito homenageado pelos espíritas locais. A primeira que fiz foi a Lyon, onde o Espiritismo estava sendo muito criticado. A segunda foi a Bordéus, onde estive em outubro, para participar da inauguração da Sociedade Bordelense de Estudos Espíritas. Eu pensava encontrar, pessoalmente, aí, o Dr. Jean Baptiste Roustaing, com quem havia trocado algumas cartas amistosas, em que sempre me tratou como “caro amigo e senhor” e “muito honrado chefe espírita”. Mas, para decepção minha, ele não foi me receber na estação ferroviária, nem compareceu à reunião do dia 14 de

outubro, seguida de um banquete em minha homenagem.

“Em 1866, recebi do Dr. Roustaing a obra “Os Quatro Evangelhos”, contendo ditados dos Espíritos através da médium, Sra. Emilie Collignon. Mandeí por escrito meu parecer favorável, mas com sérias restrições. Encontrei pontos duvidosos. Não podia, pois, ser considerada complementar às minhas. A partir de então nossa amizade esfriou bastante e passamos mesmo a nos tratar como divergentes em assuntos doutrinários.

“Em janeiro de 1867, com a atenção voltada para trás, fiz um exame retrospectivo da minha vida como missionário e pude constatar que o Espírito de Verdade estava coberto de razões quando disse, pela psicografia da Srta. Aline: “- Lembre-se de que a missão dos reformadores é sempre prenhe de escolhos e perigos”. Posso atestar hoje que tudo que ele disse se realizou em todos os pontos. Fui, inclusive, traído por quem parecia ser de confiança.

“Em novembro de 1868, fiz meu último discurso na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que deixei bem claro como devemos encarar o Espiritismo como religião: num sentido filosófico apenas.

“Só me resta agora aguardar o dia da minha passagem de volta para o Além, para, depois de um curto período na erraticidade, regressar ao mundo dos homens, para completar minha missão, conforme me foi anunciado pelo Espírito de Verdade, em 10 de junho de 1860, confirmando o que já me havia dito Zéfiro (Espírito). Anos mais tarde, em fevereiro de 1865, o Dr. Demeure (Espírito) também fez referência à minha volta ao plano físico (O Céu e o Inferno).

“Acredito mesmo que minha volta venha a acontecer no final deste século (XIX) ou no princípio do séc. XX.

“O futuro dirá...”

(OBSERVAÇÃO: Allan Kardec não deixou sua autobiografia. Isto que escrevi acima é obra minha, calcada em suas biografias)

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, UM GRANDE MÉDIUM DO SÉC. XX

Em entrevista que concedeu à imprensa, depois que o repórter havia dito que escrevera 412 livros, tendo vendido 25 milhões de exemplares, Chico Xavier corrigiu, dizendo: “- Os livros não me pertencem. Eu não escrevi livro nenhum. ‘Eles’ (os Espíritos) é que escreveram”.

Isto serve de prova bastante para se reconhecer que Chico Xavier foi um grande instrumento a serviço da espiritualidade.

E seus dons mediúnicos, bem acentuados, se manifestaram desde quando era pequeno, em casa, na rua e na escola. O pai, João Cândido, o considerava um louco; a madrinha, Rita de Cássia, o tinha como um alucinado, e, para curá-lo, lhe dava surras com vara de marmelo, achando que assim, iria tirar o diabo do seu corpo. Por isso mesmo, o garoto era constantemente levado à igreja para ser benzido. Como todo mineiro, sua família era muito católica. Mas nem na Santa Madre Igreja, o menino encontrava a cura de que precisava...

(Continua na pág. 3)

(Continuação da pág. 2)

Desde pequeno, Chico demonstrou ser uma pessoa muito tímida, muito submissa aos caprichos dos mais velhos. Como prova disso, citamos o fato de ter sido obrigado a lamber a ferida que tinha surgido na perna esquerda de um primo seu, conforme receita aviada por uma curandeira. Um menino de personalidade forte jamais faria isto.

Chico desde criança, e também como adolescente, era muito religioso: ia sempre à missa, comungava, confessava, acompanhava procissões, rezava a Ave Maria e fazia o sinal da cruz, como qualquer bom católico, consciente de que “fora da Igreja não há salvação”.

Sua conversão ao Espiritismo se deu em 1927, quando uma de suas irmãs, gravemente enferma, foi desenganada pelos médicos. Desesperado, seu pai, João Cândido, nem recorreu ao padre, foi direto procurar um casal de amigos espíritas, que trouxe para ver a filha. José Hermínio Perácio e a esposa Carmem, verificaram logo que se tratava de um caso agudo de obsessão. Então, durante alguns dias, atacaram a doente com rezas e passes, conseguindo assim expelir o Espírito obsessor.

Chico acompanhou de perto todo aquele ritual. Era a sua primeira experiência no Espiritismo. E, graças a José Hermínio e Carmem, veio a tomar conhecimento dos livros de Allan Kardec. Foi assim que veio a saber que era médium e precisava desenvolver sua mediunidade.

Que fez então? Voltou à Igreja local, que costumava freqüentar; dirigiu-se ao confessorário com seu orientador espiritual; contou ao padre Scarzello tudo que tinha acontecido com a irmã e lhe declarou que a partir de então iria se dedicar à mediunidade segundo os métodos da Doutrina Espírita de Allan Kardec. Ajoelhou-se diante do seu confessor, beijou-lhe a mão direita e pediu sua bênção, no que foi atendido pelo sacerdote que disse: “Seja feliz, meu filho. Rogarei à Mãe Santíssima para que te abençoe e proteja”. Isto aconteceu no dia 21 de junho de 1927 e Chico voltou a ajudar o irmão na fundação do Centro Espírita Luiz Gonzaga onde começou a trabalhar como médium psicógrafo, recebendo mensagens em prosa e verso, de vários Espíritos. Esta era sua missão: produzir centenas de livros, cumprindo-se assim a visão que dona Carmem Perácio tinha tido numa sessão de estudos do Evangelho em janeiro de 1929: uma chuva de livros caindo sobre a cabeça do médium.

Mas Chico tinha plena consciência de que não era ele o autor daquelas inúmeras obras que surgiam graças ao que escrevia como médium. Tanto assim que respondeu a um crítico literário: “- Recebi de Va. Sa. elogios por um trabalho que não me pertencia”.

Como se vê, Chico era apenas um instrumento a serviço da espiritualidade. Nem podia passar disso, porque não era dado a estudos. Seus conhecimentos intelectuais se limitaram ao que aprendeu com as professoras de uma escola primária do interior. Nunca freqüentou um ginásio, um instituto de educação, um colégio de jesuítas. E depois não trazia consigo dons de cientista, de pedagogo, de filósofo. Sua capacidade intelectual era bem medíocre e sua produção literária vinha do Alto, em forma de romances e mensagens.

Seu Guia Espiritual deveria ter sido o Espírito de Verdade, por que não?! Mas, na verdade, não foi. Foi, sim, um ex-jesuíta, o Padre Manoel da Nóbrega, que preferiu se identificar não como aquele Provincial da Companhia de Jesus do séc. XVI, mas, sim, como Emmanuel, que quer dizer “Deus conosco”, de acordo com o Evangelho de Mateus. Assim era mais fácil se impor perante a comunidade espírita da Pátria do Cruzeiro. E foi, mostrando uma cruz luminosa e vestindo uma túnica típica de sacerdotes católicos que o Espírito Guia se apresentou ao Chico, quando este rezava a Ave Maria, junto a um açude, em Pedro Leopoldo/MG.

Tendo recebido poesias de vários Espíritos que tinham sido em vida consagrados poetas nacionais e estrangeiros, Chico reuniu-os em forma de livro a que deu o nome de “Parnaso de Além Túmulo” e foi levá-lo à apreciação do Presidente da Federação Espírita Brasileira, que ele talvez não soubesse, mas devia saber que era roustanguista fanático. Como devia saber também que J.B.Roustaing era responsável pelo aparecimento da obra – “Os Quatro Evangelhos” – na qual havia muitos pontos duvidosos, motivo porque Allan Kardec não a considerava complementar às suas. (Revista Espírita de junho de 1866).

Os dirigentes da FEB aceitaram publicar o Parnaso de Além Túmulo, e em troca, como prova de reconhecimento por este favor, Chico reverteu à FEB todos os direitos autorais, tornando-a rica e poderosa.

Conta-nos um dos seus biógrafos, que todas as noites de segunda e sexta-feira, Chico ia ao C.E. Luiz Gonzaga, levando embaixo do braço o “Evangelho segundo o Espiritismo” de Allan Kardec. Seguiu assim à risca uma instrução de Emmanuel que disse certa vez: “- Chico, se alguma vez eu lhe der algum conselho que não esteja de acordo com Kardec, fique do lado dele, Kardec, e me esqueça”. Isto, porém, não foi seguido por Chico, no que diz respeito à evocação dos Espíritos, que Kardec sempre considerou um instrumento necessário de pesquisa da Ciência Espírita, tanto assim, que deu o exemplo, praticando constantemente esse método de trabalho. Chegou mesmo a dizer que estavam errados aqueles que achavam que não devíamos evocar os Espíritos e sim deixar que se manifestem espontaneamente (Livro dos Médiuns, cap. XXV, nº 269) No entanto, Emmanuel, em “O Consolador”, disse que não aconselhava a evocação dos Espíritos em hipótese nenhuma, e o Chico, ao invés de esquecer o que dissera seu Guia Espiritual, como este mandara, fez, justamente, o contrário, ao afirmar, textualmente que “O telefone só toca de lá para cá”. Allan Kardec reencarnado nunca diria isto, tenho certeza absoluta.

Chico Xavier, que mal tinha o curso primário, não conhecia nada de Filosofia, de História, de Psicologia, de Ciências físicas, humanas e sociais. E nunca se sentiu atraído para esses estudos; nunca foi um autodidata. A bem dizer, nem precisava disso, porque sua missão era ficar numa atitude passiva, transcrevendo no papal, sem análise crítica, as mensagens em prosa e em verso que vinham dos Espíritos.

(Continuação da pág. . 3)

UMA GRANDE MENTIRA

Em 1938, a FEB lançou o “BRASIL CORAÇÃO DO MUNDO PÁTRIA DO EVANGELHO”, ditado pelo Espírito de Humberto de Campos pela psicografia do Chico e com prefácio de Emmanuel. Houve então uma grande polêmica, porque ali está que Roustaing foi auxiliar de Kardec. Grande mentira! Chico, tímido que era, não quis discussão nenhuma e se colocou ao lado dos roustaingistas da FEB.

O FAMOSO “PACTO ÁUREO

Em 1949 um grupo de “kardecistas” (seriam mesmo discípulos de Kardec ?!) procurou o então Presidente da FEB e desse encontro surgiu o “Pacto Áureo”, pelo qual ficou criado o Conselho Federativo Nacional como um Departamento da FEB; foi adotado o mito da “unificação” e o livro de Humberto de Campos (Espírito) foi adotado como uma espécie de “carta magna” dos espíritas brasileiros. Surgia assim no Brasil um novo Vaticano à moda Tupiniquim.

UM ERRO, FRUTO DO FANATISMO

Em 1973, Ismael Gomes Braga lançou pela FEB seu livro “ELOS DOUTRINÁRIOS”, no qual afirma que “o roustainguísmo é um curso superior de espiritismo”, colocando, portanto, Roustaing acima de Kardec.

Júlio Abreu Filho protestou, e, em seu livro “**ERROS DOUTRINÁRIOS**”, provou que essa afirmação era um verdadeiro absurdo.

E o Chico, protestou também?! Não, manteve-se caladinho da silva.

CHICO XAVIER É PREMIADO

Em 1981, ao receber o prêmio Roquete Pinto, concedido pela TV Record, Chico Xavier foi entrevistado pelo repórter Mário B. Tammasia. E, a propósito da visita do Santo Padre, o Papa João Paulo II, ao Brasil, ele disse, textualmente: “Muitas vezes, principalmente, diante do altar daquela que veneramos como nossa Mãe Santíssima, vimos irradiações de luz que alcançavam toda a Assembléia. E, do altar consagrado à Santa Terezinha de Lisieux, muitas vezes vi rosas trazidas por desencarnados, sem que eu pudesse explicar o fenômeno. Portanto, todas as manifestações de bondade divina, através da Igreja Católica, que consideramos como a mãe da nossa civilização, são legítimas credoras da nossa veneração. Nós não estamos separados, os evangélicos reformistas e os espíritas cristãos, por diferenças fundamentais. Os Espíritos nos ensinam que estamos, sim, em faixas diferentes de interpretação, mas somos uma família só diante de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem reverenciamos em Sua Santidade o Papa João Paulo II, em nossos eminentes cardeais do Brasil, protetores da nossa fé” (Extraído da Revista “PLANETA” – abril de 1983, pág. 19)

UMA REUNIÃO PÚBLICA EM UBERABA/MG

Informou-nos um amigo, residente em Uberaba, que momentos antes do início de uma reunião do Grupo Espírita da Prece, aberta ao público, no dia 15 de agosto de 1998, consagrado a Nossa Senhora da Abadia, padroeira da Região, Chico Xavier viu no recinto a figura excelsa de Jesus de Nazaré, pedindo-lhe que prestasse uma homenagem à sua MÃE, MÃE DE TODOS NÓS, NOSSA MÃE SANTÍSSIMA.

Chico então, ajoelhou-se, benzeu-se, fez o sinal da cruz e pronunciou estas palavras: “ – Amigos, peço a vossa permissão para fazer uma saudação a uma personalidade ilustre e a mais Eminente do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, aqui, em nossa querida cidade de Uberaba, é conhecida como Nossa Senhora da Abadia”. E, com as mãos unidas diante do peito, como um bom católico, disse estas palavras: “Ave Maria, Mãe de Jesus, Nossa Senhora, Bendita sois Vós entre as mulheres; Bendito seja o Fruto Divino que, possivelmente nos trouxe Jesus. Santa Maria, Mãe de Jesus, Filho do Espírito Santo, Rogai a Deus por nós, os pecadores, agora e na hora de nossa morte. Assim seja!...”

Logo após, muito emocionado e com os olhos cheios de lágrimas, dirigiu-se aos presentes, dizendo: “ – Aqui fica a nossa Saudação pelo dia de hoje em Uberaba. Convido a todos os irmãos, espíritas cristãos, a lembrarmos Nossa Senhora da Abadia, NOSSA MÃE SANTÍSSIMA, trazendo-nos NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, filho de Deus pela graça do Espírito Santo”.

Todos então, ajoelhados e fazendo o sinal da cruz, disseram: “ – Graças a Deus; o Senhor seja bendito. Amem!”

Foi assim que, com a presença de Chico Xavier, teve início aquela reunião pública, onde foi estudado o cap. XV do *Evangelho segundo o Espiritismo*, onde Allan Kardec diz, claramente: “ Com o dogma – *Fora da Igreja não há Salvação* – todos os homens lançam anátemas uns contra os outros, perseguem-se mutuamente e vivem como inimigos...” (nº 186 do original e nº 8 da tradução de Guillon Ribeiro da FEB)

O MAUSOLÉU DE CHICO

Aos 92 anos de idade, desencarnou, em Uberaba/MG, no dia 30 de junho de 2002, o médium espírita Francisco Cândido Xavier, após 75 anos de intensa atividade mediúnica com 412 obras psicografadas.

Hoje seus restos mortais repousam num túmulo do Cemitério de S. João Batista de Uberaba, onde, por obra de amigos dedicados e devotos sinceros, se ergueu um imponente mausoléu, no centro do qual foi construída uma estátua de bronze, em que ele aparece com o cotovelo sobre a mesa de escrever e a mão esquerda sobre a testa e a mão direita sobre um papel, em que ele escrevia as mensagens que ia recebendo dos Espíritos.

Um pouco atrás, no canto direito do mausoléu, aparece a imagem imponente de Nossa Senhora da Abadia, a Santa da devoção do Chico.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Em seu livro “Kardec prossegue”, Adelino da Silveira disse que o Chico era Kardec reencarnado. Chico leu e gostou, tanto assim que presenciou sua amiga “Sylvia, de Araxá/MG com um exemplar autografado por ele.

Anos atrás (1998) a Dra. Marlene Nobre havia declarado pela Folha Espírita, de S. Paulo, que o Chico era a reencarnação de Allan Kardec. Em abril deste ano o Dr. Carlos Baccelli acaba de lançar, em Uberaba, seu último livro “Chico Xavier a Reencarnação de Allan Kardec”, com o que **eu NÃO CONCORDO** e me pergunto: “Kardec, no séc. XX, ao completar sua missão, não seria mais o “bom senso encarnado”?! ”

SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO. MEU PAI, MEU MESTRE

No dia primeiro de fevereiro, meu pai, nascido em 1890, (portanto, vinte e um anos depois da desencarnação de Allan Kardec), se vivo fosse, estaria completando, precisamente cento e seis anos de idade.

Filho de um advogado famoso de Porto Alegre e São Paulo, onde, inclusive, é nome de rua, papai ficou órfão aos sete anos, e, já em idade escolar, foi internado em um colégio de padres jesuítas de São Leopoldo/RS, onde recebeu uma ótima formação intelectual, durante o seu curso de humanidades, já que ali trabalhavam excelentes professores. Mas papai não era bem visto pelos sacerdotes, porque, nas aulas de Teologia e Doutrina Cristã, fazia perguntas sobre os dogmas e mistérios da Igreja, que eram consideradas impertinentes. Por isso era sempre repreendido, e, como castigo, tinha que rezar tantos padres nossos e tantas Ave-Marias, o que ele fazia contrariado.

Aos quinze anos de idade, deixou o Ginásio de São Leopoldo e, para fazer a vontade do pai, já falecido, matriculou-se na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro/RJ. Ainda como calouro, foi com todos os alunos para Porto Alegre/RS, onde concluiu os Cursos Preparatório e Superior. Formou-se em 1911, saindo Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria, tendo servido em guarnições do Sul. Em 1918, concluiu também o Curso de Engenharia Militar e foi servir como Chefe do Serviço de Obras em várias cidades de Minas Gerais.

Desde o início da vida militar, atuou sempre como professor e instrutor. Ainda como aluno, deu explicações aos colegas mais fracos. Mais tarde, já como Oficial, deu aulas teóricas e práticas aos recrutas e aos que desejavam prestar concurso para Cabos, Sargentos e Sub-oficiais. Sua vocação era mesmo para o magistério. E eu e meus irmãos pudemos comprovar isto muito bem, porque, quando deixou o serviço ativo, foi nosso professor e nos deu aulas de Francês, Matemática, Português, Literatura, Filosofia e, sobretudo, de Doutrina Espírita. Como sabia ensinar! Era um verdadeiro mestre na didática.

Ao sair da Escola Militar como Aspirante a Oficial, papai entrou para a Maçonaria, filiando-se à Loja Maçônica “Vigilância”, em Niterói. Passou por todos os graus da Ordem e chegou mesmo a exercer a função de Venerável.

Dedicou-se muito também ao Magnetismo Animal, depois de ler e estudar, profundamente, a Teoria de Mesmer. Realizou experiências notáveis, que sabia narrar para nós, durante as conversas em família.

Sua conversão ao Espiritismo se deu em 1925. Até então ele era um ardente positivista da Escola de Augusto Comte, que aprendeu quando cadete. Por isso mesmo sua conversão ao Espiritismo não se deu com facilidade, de uma hora para outra. Foram os fatos que o levaram a mudar sua convicção e foi preciso mesmo que os Espíritos Superiores que o assistiam se manifestassem e lhe lembrassem a missão que tinha que concluir nesta existência. Adquiriu então uma fé inabalável.

Passou a dedicar-se ao estudo das obras de Allan Kardec e depois à prática da mediunidade. E contou sempre com a proteção de seu Guia Espiritual, Erasto,

Discípulo de São Paulo, com quem manteve muitos diálogos, através de minha mãe, que era médium. Mas não sosmente com ela; com outros também.

Tudo que pôde realizar, sob a proteção e assistência dos Espíritos Superiores, ele apresenta, com riqueza de detalhes, na obra que escreveu, por determinação do Alto, mas que deixou inédita sob a guarda dos filhos. Um dia será publicada. Quando? Não sabemos. Depende só da vontade dele e de seus Amigos e Protetores Espirituais. Aguardemos o momento propício.

Em nossas conversas familiares, papai se abria muito conosco, analisando fria e corretamente os acontecimentos, os artigos de jornais e revistas e os livros que lia com olhos de crítico e de observador atento. Agia sempre como um verdadeiro cientista.

Lembro-me bem dos comentários que fez, quando, em 1938, leu o livro “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho” do Espírito de Humberto de Campos psicografado pelo médium Chico Xavier. Uma grande indignação se apoderou dele, é óbvio. E, mais indignado ficou mais tarde, em 1949, quando tomou conhecimento do acordo que aqueles que se diziam “kardecistas” assinaram com os dirigentes da FEB e ficou conhecido na história do movimento espírita como “Pacto Áureo”.

Outra coisa que o deixou também muito revoltado foi o aparecimento do livro de Ismael Gomes Braga, intitulado “Elos Doutrinários”, lançado pela FEB, no qual o roustanguismo foi colocado como “um curso superior de Espiritismo”. Papai achou isto o maior dos absurdos, uma grande ofensa ao Codificador do Espiritismo. Por outro lado, ele gostou muito, quando leu a resposta dada por **Júlio Abreu Filho**, em seu livro intitulado “**ERROS DOUTRINÁRIOS**”. Gostou tanto que me deu de presente um exemplar autografado, como já tinha me dado um exemplar do “**KARDEC E NÃO ROUSTAING**”, de **Luciano Costa**, lançado pela EDICEL. Lembro-me bem de suas palavras: “ – É assim que se deve falar e escrever, meu filho.”... Bem!, páro por aqui...

Quem quiser saber mais, leia a biografia de “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”, dirigindo-se, pessoalmente, ou por telefone à Livraria do Centro Espírita “Léon Denis” – Rua Abílio dos Santos, 137 – Bento Ribeiro – Rio de Janeiro/RJ (21 331-290) – Tel.: 2489-9847 – Contato com Maria Regina, Lucimar ou Luiza.

Agora, quem quiser comprovar tudo isto que escrevi sobre meu pai, evoque, por favor, o seu Espírito, aplicando, naturalmente, o método ensinado por Allan Kardec. Ao contrário do que afirmou o Chico: **o telefone também toca de cá para lá. Meu pai, sendo chamado, virá, tenho certeza.** Mas eu quero estar presente, quando ele se manifestar.

Parabéns, meu querido e saudoso pai, pela passagem do seu aniversário natalício ocorrido em primeiro de fevereiro.

Erasto de Carvalho Prestes
Rua Visc. de Moraes, nº 159 (7º andar) – Ingá –
Niterói/RJ – CEP=24210-145 (Tel. 2 719-8022)
E-mail: erastoprestes@urbi.com.br